Capítulo XXVI — Uma conclusão

I

Está devidamente estabelecido que a empresa do carpinteiro de Paris é o sublime da loucura. Todavia, não é mais insensata que a de Jesus de Nazaré, se Jesus de Nazaré não é senão um simples mortal, nascido num estábulo e criado na oficina de um artesão, agindo só e sem o socorro dos mais notáveis milagres.

II

É até muito menos. Um carpinteiro de Paris vale bem um carpinteiro de Nazaré. Um francês guilhotinado não está abaixo de um Judeu crucificado. Doze pescadores do Sena podem muito bem, pelo saber e pela coragem, sustentar a concorrência com doze pescadores dos pequenos lagos da Galileia. Fazer adorar um cidadão francês do século XIX é, sem comparação, menos difícil que fazer adorar um Judeu no século de Augusto.

III

Assim, quando se quer explicar o estabelecimento do cristianismo por causas puramente humanas, chega-se em quatro passos ao último grau do ridículo. Entretanto, não há efeito sem causa. Faça o que fizer o incrédulo, o cristianismo é um fato, e esse fato importuno ergue-se diante dele em toda a sua altura. Visto que não há causa humana que possa explicar-lhe o estabelecimento, é preciso, a menos que se admita um efeito sem causa, reconhecer nele uma causa divina. Deus meteu a mão nisso: houve milagre.

IV

Mas se Deus meteu a mão nisso, o cristianismo é verdadeiro, unicamente verdadeiro, completamente verdadeiro. A todos os dogmas que ensina, a todos os deveres que impõe, só resta dizer: Credo.

O cristianismo me diz: o homem caiu: Credo.

O homem foi resgatado: Credo.

Foi resgatado por Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem: Credo.

O homem tem uma alma imortal: Credo.

Há um inferno eterno: Credo.

Há um céu eterno: Credo.

Há uma Igreja infalível encarregada de ensinar a verdade: Credo.

Essa Igreja subsistirá até o fim do mundo:

Credo.

Essa Igreja é a Igreja católica, apostólica, romana: Credo.

V

O cristianismo me diz que o único meio de evitar o inferno e de merecer o céu é fazer o que ele me ordena: Credo.

Amar a Deus mais que a tudo e ao meu próximo como a mim mesmo: Credo.

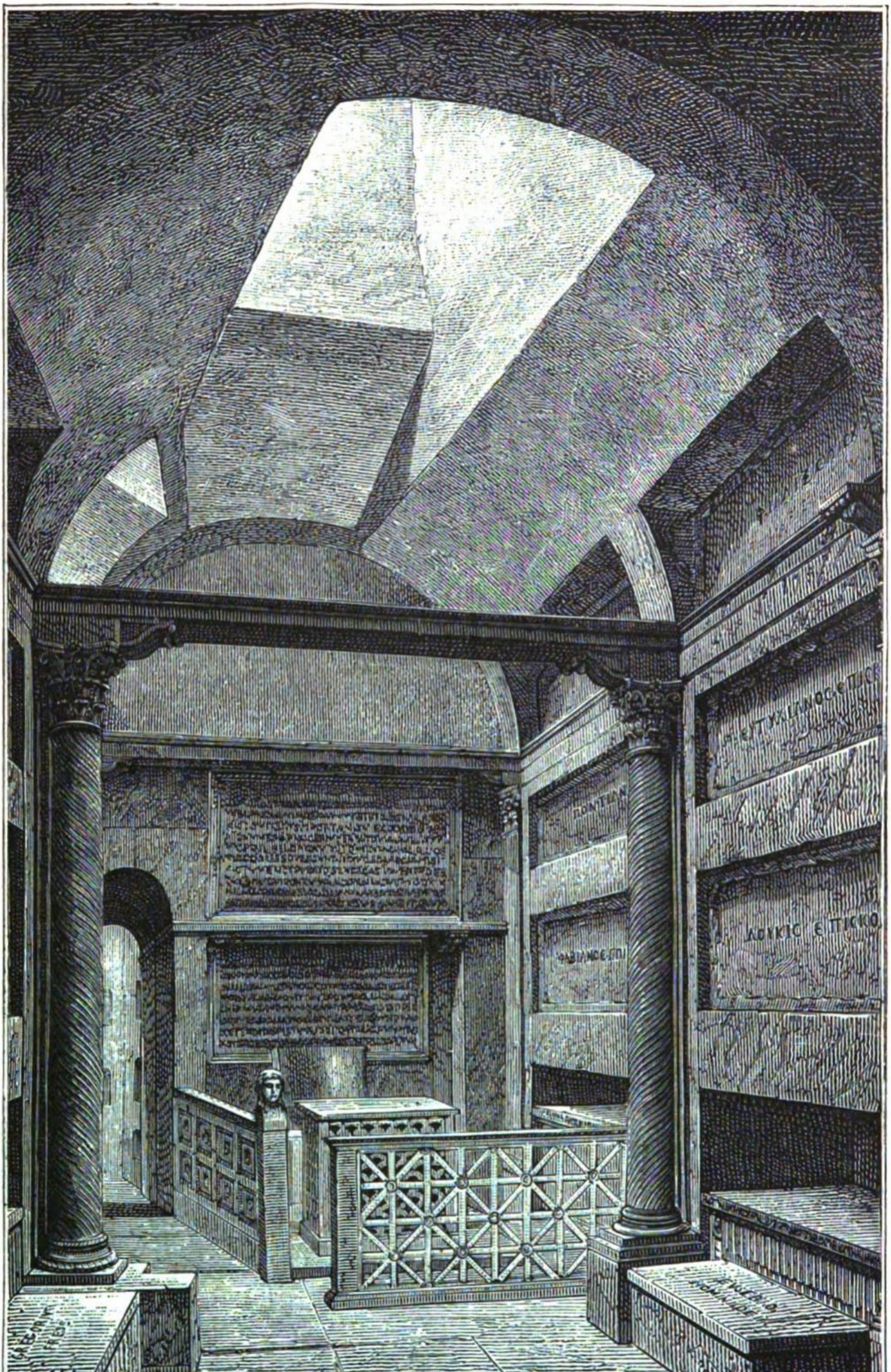
Perdoar as injúrias: Credo.

Respeitar o bem alheio: Credo.

Viver casto: Credo.

Humilde: Credo.

Mortificado: Credo. Confessar-me: Credo. Comungar: Credo.



> **O cristianismo nas Catacumbas.** Interior da cripta dos papas, disposta por São Calisto e decorada por São Dâmaso. Restituída pelo comendador De Rossi. (Ver o texto, p. 38.)

VI

Visto que o cristianismo é verdadeiro, completamente verdadeiro, todos os sistemas contrários ao cristianismo são falsos; todas as objeções, nulas, pois não pode haver verdades contraditórias.

Logo, diante do só fato do estabelecimento do cristianismo, todos os sistemas — racionalismo, panteísmo, materialismo, ateísmo, naturalismo, cesarismo, sensualismo, positivismo, socialismo, solidarismo, espiritismo — que levantam hoje contra o cristianismo a sua cabeça hedionda, como a hidra da fábula ou a besta do Apocalipse, são falsos, completamente falsos.

Logo, todos os sofismas, todos os «se», todos os «mas», todos os «porquês» contra o dogma, a moral e o culto do cristianismo caem por terra, como a bala do árabe fugitivo contra a pirâmide do deserto.

VII

Nosso fim está atingido. O cristão do século XIX conhece o Refúgio, a fortaleza, a cidadela inexpugnável, de onde pode desafiar os ataques de seus inimigos, bem como as tormentas e os perigos dos tempos atuais.

Aqui poderia terminar a nossa tarefa. Queremos, no entanto, prosseguir. Parece-nos útil pôr em luz todo o poder, não somente defensivo, mas ofensivo, que há nesta palavra maravilhosa: Credo.

Revision #2
Created 22 November 2026 12:51:25 by Admin
Updated 22 November 2026 15:38:03 by Admin